

A MONARCHIA

Bi-Semanario

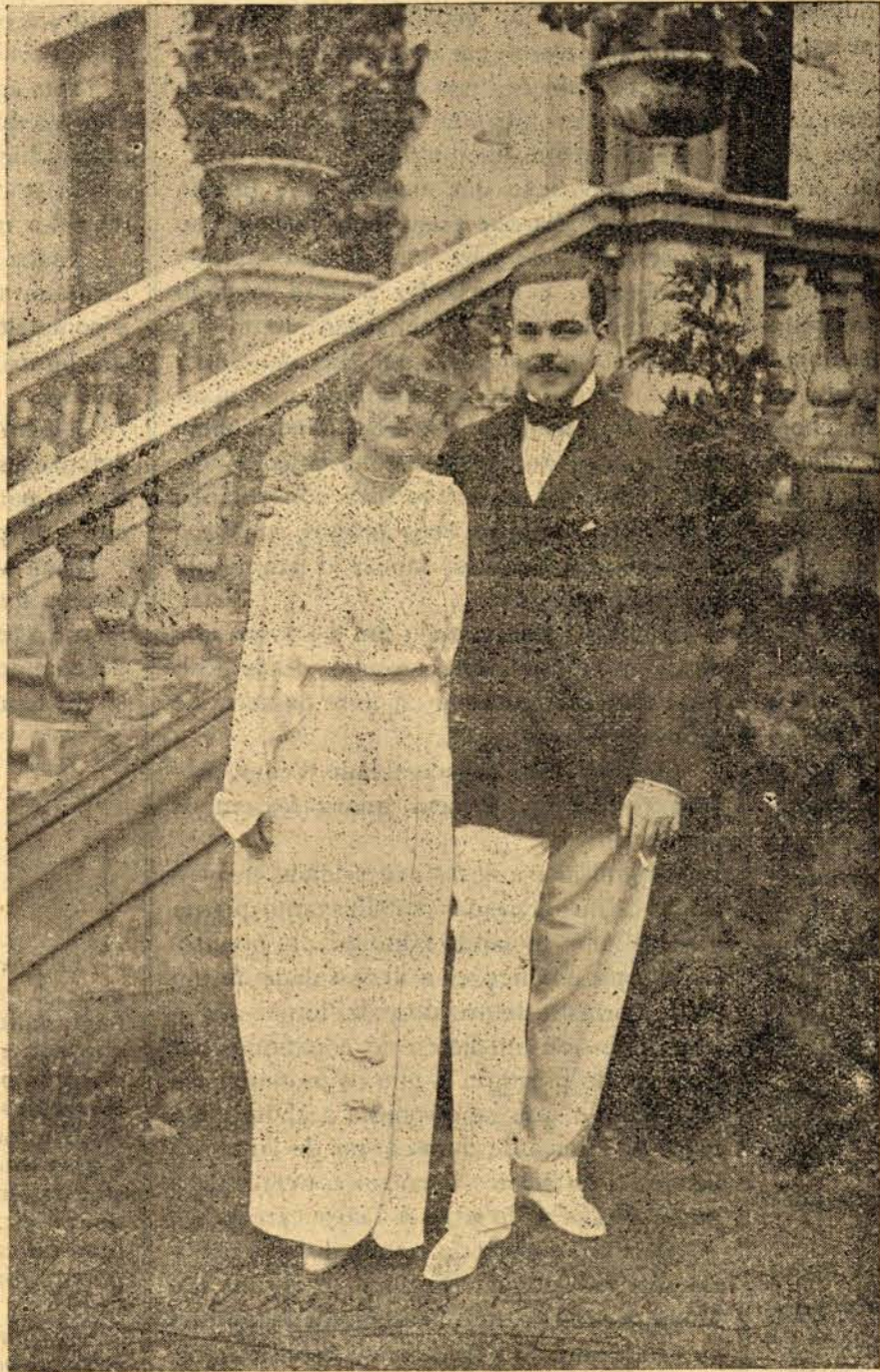
N.º 11—1916
29 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:
ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM
A POLYCOMMERCIAL
R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA
Propriedade de Armenio Monteiro

Toda a correspondencia para
os escriptorios provisórios
B. d'Alcantara, 41, 1.º E.
TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. Avulso 20 réis. Anuncios: Convencional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.



Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e Sua Augusta Es-
posa a Rainha Senhora D. Augusta Victoria de Bra-
gança, n'um retrato recente.

Questões partidarias

Paiva Couceiro

Por força da finalisação do artigo anterior, temos que tratar hoje da figura nobre e aguerrida de Paiva Couceiro como valor na questão partidaria, poisque, evidentemente, precisamos uns Palmellas para levar a bom porto a nau que hade salvar a Patria, este rincão da Europa tão cubiçado e tão formoso.

Henrique M. de Paiva Couceiro é, além d'um valoroso militar, d'um homem de uma só fé e d'antes quebrar que torcer, um coração de ouro. Basta conhecer a sua odysseia desde 5 de outubro de 1910, para se saber que alli está um portuguez de lei.

Ser, porém, o que é Paiva Couceiro, não é sufficiente para vencer — e as razões são variadas. Forçadamente exilado, não pôde conhecer de perto, compulsar por si, as forças que a dentro das fronteiras são pela Causa; só por informações pôde curar, e esse processo de formar juizo a respeito de tão magno e transcendente assumpto temos que convir não ser o mais perfeito — antes pelo contrario . . . Depois um chefe militar pôde, e no caso é, ser um valente general, commandar e correr ao perigo sem um desanimo, uma flexão ou a mais pequena vacilação, mas com forças já regularmente organisadas ou que militarmente organise. No nosso caso, porém, preciso se torna haver além d'esse chefe militar, um chefe civil, vivendo cá dentro, dia a dia tratando o assumpto, dia a dia tomando o pulso ao doente . . .

Esse chefe tem que ser alguém de nome, de grande nome na monarchia finda, e que possa, aureolado do seu grande valor moral e intellectual, continuar a ser o que foi!

Assim Paiva Couceiro, sendo um grande valor e um grande nome na Causa Monarchica, está, pela situação que a republica lhe creou, inhibido de ser um chefe supremo, não podendo ir além de ser o que é — um general que executa dadas circumstancias que apreciou.

E' a historia que nos ensina a caminhar n'este magno problema nacional.

Se Palmella teve que executar a maior parte das suas *démarches* além-fronteiras para vir finalizar nas ilhas a execução do plano restaurador da bôa-doutrina constitucional e de direito, o problema d'hoje tem que seguir a ordem inversa. Couceiro pôde ser um grande auxiliar invadindo com forças portuguezas as fronteiras do paiz, disposto a morrer e a matar, porque o sr. Antonio José d'Almeida — e citamos este por ser o mais moderado d'entre os chefes republicanos — lá ensinou ha já tempo o caminho a seguir, referindo-se aos monarchicos: — se têm sede é dar-lhe agua-raz, se tem fome é dar-lhe balas . . .

E não queiramos ser mais papistas que

o papa: amor paga-se com amor, e além de tudo — sempre a guerra assim foi . . .

Isto dádo o caso, mais que provavel, de ter que ser com as armas na mão que se desalojem do governo patrio os cavalheiros que por escalada d'elle se apossaram.

Bazilio Telles no seu livro *Do ultimatum ao 31 de Janeiro*, dizia que dadas taes e taes circumstancias dentro da monarchia, o partido republicano, vedada a esperança de constituir governo em breve praso, e accordadas as ambições nos dirigentes dos partidos, devia evolucionar para uma esquerda liberal dentro da monarchia . . .

A proposição das medidas que Bazilio Telles entendia que eram indispensaveis ao resurgimento do paiz, não a fez o partido republicano, e não a fez porque sabendo essas medidas todas realisaveis dentro da instituição monarchica, tal lhe não convinha . . . Assim não evolucionou, mas acordadas as ambições dos seus chefes, bém coadjuvados por muitos monarchicos — valha a verdade! —, achou mais consentaneo com a satisfação dos seus desejos, confessaveis e inconfessaveis, lançar o paiz n'esta aventura calabresca . . .

E tudo serviu para o fim a conquistar: desde o contrabando ao roubo, desde a alfurja da Trabuqueta ao ar livre da serra de Monsanto . . .

Organisar foi a necessidade d'elles, procurando o fim, fôssem quaes fôssem os meios.

Organisar é a nossa necessidade, dispensando os meios usados por elles tanto quanto possivel, mas luctando tanto quanto preciso.

N'estas condicções a necessidade de um chefe portas a dentro do paiz, impõe-se: — um chefe — ou um directorio, constituido por homens de prestigio — que os monarchicos escolham e que se disponha a abdicar em favor da Causa desde as horas de jantar ao camarote do theatro, desde as conveniencias ate á vida — se de tanto a Causa carecer . . .

De sobra tem sido commodistas a maioria dos grandes de Portugal, e alguns tão longe tem levado o seu commodismo que se rodeam de servidores republicanos, quando não de conhecidos formigas . . .

D. Carlos, o saudoso Monarcha, o grande sabio, dizia que era chefe de uma monarchia sem monarchicos, por vêr o desamôr á Causa porque tantos portuguezes haviam soffrido os maiores horrores, e fazendo juizo pelo que até ao Paço chegava, ou deixavam chegar os que o cercavam — o que não é bem o mesmo.

E, salvo o respeito devido, Sua Magestade não apreciava os seus subditos atravez

do melhor crystal; quanto a nós Sua Magestade era Chefe Supremo d'uma Monarchia de commodistas que haviam tomado como lemma: — *deixa andar e o que fôr soará!*

E soou! E' isto: o direito de propriedade uma ficção; a liberdade e a vida do cidadão á mercê do primeiro facinora que se lembrou de se alcinhar de defensor da republica; a fome batendo á porta da maioria dos láres; a capacidade tributaria, como diz o divertido sr. Camacho, inexgotada, apesar de expremida; os *revolucionarios* de 14 de maio, militares e civis, tripudiando sobre tudo e sobre todos, e . . . etc! . . .

Ora esse lemma que durante os ultimos cincoenta annos desintegrou a Nação da sua propria vida, tem que ser banido, inutilizado, e o commodismo trocado pela actividade partidaria e pelo sacrificio.

Tem que sahir para a luz rutila do dia, sem sophismas nem medo, a aristocracia monarchica, a aristocracia que vence, que é a aristocracia do saber, da competencia e do valor moral.

Todos quantos dentro da monarchia disfructaram uma situação, tiveram direitos e conquistas, tem que sahir agora a tornar-se dignos d'esses direitos e d'essas conquistas.

Esperamos a offerta d'esses valorosos defensores da Causa, que é a Causa da Patria, para a offerecer ao eleitorado monarchico do paiz.

Uma vez feita a escolha por quem de direito, toca a trabalhar, a conquistar novamente o terreno perdido por effeito do medo, do commodismo e dos videirinhos . . .

E' tempo!

Armenio Monteiro.

Finis!

O governo por um decreto que os jornaes diarios publicaram tomou posse dos navios allemães. E' um facto consumado. As consequencias serão o que forem e que todos nós pagaremos pela nossa incuria, pelo nosso desleixo.

Um jornal entrevistou o sr. Affonso Costa e essa entrevista aqui vae na integra. Quem souber lêr, e quem não esquecer que se diz que o dr. Affonso Costa desde o trambulhão do carro electrico ficou com o cerebro doente, tire as conclusões.

— Como? pergunta-me se tivemos qualquer negociação com a Alemanha? Não, não. O acto que acaba de passar-se foi a consequencia logica do decreto hoje publicado no supplemento ao «Diario do Governo». Fizemos o que fez a Italia, e dando até mais garantias. Usámos de um direito. A requisição dos navios, determinada pelos interesses da economia nacional, foi devidamente notificada aos representantes dos armadores.

— Mas falava-se ha pouco na intervenção do consul da Alemanha, insinuámos.

— Sim, é natural que os consules dos paizes a que pertencem os navios queiram assistir aos inventarios que houverem de ser feitos nos termos do decreto a que alludi.

Echos & Commentarios

Leotte ou Affonso?

«Transformar esses barcos em navios de guerra não é intenção do governo,» proclama o presidente Affonso. . . mas o Leotte, grande Almirante da Cova da Piedade, lá vae dizendo que os dois barcos de mais recente e solida construcção vão ser armados em cruzadores auxiliares!

Quem falla verdade, ou, antes, quem manda?

Em coisas de terra o Tsar Affonso.

Em coisas *fluviaes* o almirante Leotte. Não ha que vêr . . .

As novas estampilhas

O primeiro premio do concurso para as estampilhas postaes, coube ao sr. A. Alves Cardoso, que como todos sabem é um novo de muito merito. Admiramol-o muito. E por isso mesmo estranhámos que o seu lapis compuzesse o mamarracho que vem reproduzido no *Diario de Noticias* . . .

A republica é coisa perfectamente antagonica com a intelligencia humana. Já aqui o dissemos. Artista do pincel, ou do escope, ou da penna que alli vá buscar inspiração, — produz abortos. O pintor David, em França, no começo da revolução, — fez da arte um cemiterio, Chamfort estrangulou a Academia.

Deixem a republica nas mãos da estupidéz, senhores artistas, — de que são Mes-tres o Baeta e o Jerico de Seabra! . . .

Cautela com o esporão! . . .

Um dos commandantes de um dos barcos allemães appropriados, é o capitão-tenente sr. Moreira Rato. Bem podia ser o sr. Moreira Rato como outro qualquer official. Isto não diz nada, porem o curioso é que, aqui ha annos, sendo o Almirante Leotte então commandante da canhoneira Bengo e simples primeiro tenente, por causa de um folheto que publicou, alli á porta do Café Gibraltar levou cóça mestra de bengalada, applicada pelo hoje seu subalerno na divisão naval, sr. Moreira Rato.

Então era o grande almirante *franquista-enragé*. E como elle hoje camaleonou e se encontra hyper-democrático, e ainda por cima atacado de germanophobia, que se acautele o sr. Moreira Rato de algum torpedo assim mandado ao acaso, ou de alguma trombada do esporão do 14 de Maio! . . .

Será ou não será?

E' immediato do cruzador *D. Carlos*, perdão, *Almirante Reis*, o capitão tenente Jayme da Fonseca Monteiro.

Será este Sr. official um que sendo commandante da canhoneira *Massabi*, surta em Loanda, mandou deitar no mar uns numeros do *Seculo* e *Mundo* que uma praça chamada Semeão e natural de Faro, estava n'esse momento a lêr?

Será?

A hydra na barra . . .

Pelo ministerio da guerra de combinação com o da marinha, foram mandadas observar varias precauções, relativamente á entrada de barcos estrangeiros.

Quer dizer, é por mar que se espera . . .

Organisação Monarchica

Um inquerito

Aos correligionarios monarchicos, tendo, n'essa qualidade, deveres a cumprir, compete, e tambem aos propugnadores e inspiradores do ideal, mas sem imposições, conquistar adeptos.

Se é uma Monarchia nova que se pretende implantar, para cujas bases é indispensavel a approximação e o reforço de todas as opiniões submissas, devemos admitir a existencia, ainda, de desilludidos e indifferentes na politica e que se inclinem a não compartilhar ou acompanhar o sacrificio de quem seja auctoridade austera na questão que se ventila. Alguem de destaque, se prosegue n'essa obra de reconstituição, precisa de revestir se de paciencia, que abjure do «crê ou morres» que significa a crença da hoste demagogica, porque sendo preciso o concurso, moral pelo menos, de todos os homens, a phalange monarchica — se existe, fortalecer-se-ha com convicções e nunca com intimativas inopportunas e desnecessarias para os que comprehendem a phase que atravessamos e para os que hão-de convencer-se, por palavras intuitivas, da situação.

E' preciso aggremiar os homens e as coisas, resistir fleugmaticamente a muitas hesitações que hão-de surgir na lucta; porque se para dispormos da nossa affeição politica, não desequilibramos a economia quotodiana pessoal ou familiar, de crer é que o aggremiar não traga sacrificios e se consiga.

João Pereira.

A «reliquia» manda salvar . . .

Quando em fins de Outubro de 1889 o cruzador «*Adamastor*» seguia viagem para Lourenço Marques sendo seu commandante a veneranda *reliquia*, Ferreira do Amaral, cujo navio ia para aquella nossa possessão por causa da guerra *anglo boer*, passava se o dia 28 de Novembro, data do anniversario natalicio de *S. Magestade*, e navegava o *Adamastor* entre Aden e Zanzibar, quando a veneranda *reliquia* se lembra de solemnizar aquelle dia ordenando que se embandeirasse nos topes e salvasse com 21 tiros.

Toda a guarnição extranhou aquelle gesto, visto que nunca assim se praticou quando a navegar e mormente n'aquellas alturas onde se não via embarcação alguma a não ser o *Adamastor* e nem uma pontinha de terra.

Mal haviamos de dizer que depois de tanto servilismo aos Reis a *reliquia* havia de dar em escora do partido republicano. Que tristeza e que . . . agonias.

Rocha Martins

D. MANUEL II

Sahit e VIII fasciculo

A Rainha D. Maria Pia de Saboya — Beijos no intervalo de batalhas — Caprichos que sempre aumentam — A mais magestosa soberania da Europa — A caridade real — A mãe do rei ante a bancarrota — As joias fascinadoras — Uma princeza das *Mil e Uma noites* — A *Reine rousse* e os armazens de Paris — D. Carlos e a prodigalidade de sua mãe — A mendiga de Dupré no Paço d'Alfama — Joias que fazem chorar rainhas — João Franco e as despesas de D. Maria Pia — Como se empenharam as joias da soberana — As suas visões na noite de 31 de Janeiro — Um espasmo sem lagrimas. O proximo n.º intitula-se o *Regicídio*.

Pedidos á Typographia José Bastos
R. d'Alegria, 100 — LISBOA

— De maneira que para com o governo do kaiser . . .

— . . . Para com o governo alemão, concluiu o sr. Affonso Costa, não tinhamos outra coisa mais a fazer além do que fizemos: telegrafar ao nosso representante em Berlim, a fim de que elle faça a respectiva comunicação ao governo germanico. E, deixe-me acrescentar ainda: as coisas estão feitas por fôrma que, d'ellas, não poderá resultar qualquer difficuldade justa . . .

— E injusta?

O sr. presidente de ministros sorri, estendendo-nos a mão. Comprehendemos que estava terminada a nossa curta «interview».

Não sabemos se já estamos impossibilitados de fallar no caso; como porém ainda não temos notificação official, vamos fallar.

A Allemanha como a Austria, estão desde ha dias em guerra comosco; pôde o *Diario do Governo* não o dizer, mas o facto está consumado.

O governo decretou a utilização, a maneira de a effectivar e a maneira de reentregar os barcos e até, coisa phantastica!, criou uma commissão para regular ou arbitrar a indemnisação a satisfazer depois da utilização . . .

Positivamente o governo está a brincar com coisas sérias!

E o governo devia saber que as duas potencias em questão não são para brincadeiras . . .

Está jogada a estabilidade de Portugal como nação livre, e ou o governo tem a certeza de que seja qual fôr o final da guerra — morremos, e então andou bem, morreremos com um acto de audacia, facil sim, mas emfim de audacia, ou pretende afundar a republica no maior horror! . . .

Diz o sr. Affonso Costa que do caso não pôde resultar nenhuma difficuldade. Justa . . .

Está, não ha duvida, doido!

Pois apossa-se, sem auctorisação, de propriedade estrangeira, prohibe os cidadãos da potencia a quem esbulha do que é seu até de mudar de hotel, e acha que a *révanche* será injusta?

Afinal . . . o que o sr. Affonso costuma geralmente chamar justiça mais não é que a inversa — e assim está certo.

Senhor Guerra Junqueiro, é agora occasião: — cante o seu *finis patriae!*

Só resta uma *étape* — o caminho das linhas de batalha. Tudo o mais quanto a guerra pôde dar-nos, desde o ataque aereo até ao maritimo, estamos desde ha dias sujeitos a elle.

Falta unicamente ir regar a terra estranha com o nosso sangue; ir morrer longe da patria em holocausto á grandeza commercial da Inglaterra e da Allemanha!

Os nossos filhos, os nossos irmãos, nós mesmo, lá iremos terra estranha em fôrma expôr o peito ás balas; d'esta vez, porém, não será um Napoleão que tomando posse do nosso territorio nos fará marchar, serão sim os portuguezes que tanto nos enganaram offerecendo nos o Olympo e dandonos o Golgotha! . . .

Mulheres de Portugal! Choraes que o vosso lar vae ficar sem o braço forte que o tornava farto e alegre!

Mães! Choraes os vossos filhos que as conveniências inconcessaveis d'uma facção politica, vae atirar contra os canhões formidaveis das potencias em guerra.

E quando alguém vos disser que é em holocausto á integridade da patria que tal sacrificio vae dar-se, gritae-lhe com toda a força dos vossos pulmões — mentis!

a hydra, ou melhor, é por sobre os vagalhões do Oceano que o tal *cylindro gigantesco virá ao nosso encontro!*

Mas se a nossa situação externa não se alterou, para que se vá á bocca do Tejo esperar a hydra, nas tardes de nevoeiro?...

Assistencia a Monarchicos

Escreve-nos um nosso presado assignante, dizendo:

A «Assistencia a Monarchicos» pode — como principio da reunião de forças — estender-se aos locais provincianos por meio de prospectos, especie de questionario — procurando acolhimento de pessoas que contribuam mensalmente com uma quota, para manutenção da Sociedade — cujo regulamento interno, será o beneficio politico e pessoal dos individuos necessitados. E aqui temos nós, cremos, a revelação do sentir de cada opinião, de onde resultará a seleccioner enthusiasmos que impulsionem o fim que V. Ex.^{as} têm em vista.

João Pereira.

A comissão de que é digno presidente o sr. conselheiro Antonio Cabral, está tratando de formar as commissões de execução concelhias e districtaes. Foi logo um dos actos da commissão. Já vê o nosso correligionario que os que *amam a causa* se encontram na maneira de vêr.

O sr. Armenio Monteiro recebeu do nosso illustre correligionario sr. João Santos Pereira um valle de 2\$500 reis que julga ser para a **assistencia**, mas como não recebeu qualquer indicação pede a finesa a esse nosso assignante de dizer o fim a que destina essa quantia.

A fuga do navio Allemão da Madeira

Decididamente o *Seculo* é o jornal de maior circulação de *mentiras* em Portugal.

Diz o colosso: Na ilha da Madeira um vapor Allemão tentou fugir mas foi apreado, deixando em terra o commandante, immediato, e machinista, só tendo a bordo uns *escora mastros* ou para melhor dizer uns marinheiros. Diz mais o colosso que o *homensinho* (diabos nos carreguem se isto não parece *prosa do Leotte*) se desculpou dizendo que o navio tinha *garrado*.

Ora venha cá senhor *Seculo* e para a outra vez tenha mais cautella com os palões que quer impingir — porque cá em casa tambem ha quem perceba de navegação e e pelo visto parece que o *Seculo* só tem navegado n'alguma *nau de pedra*.

Como queria você que o navio fugisse tendo só a bordo uns marinheiros que nem *governar* sabiam?

Então elles fugiam e deixavam os *officiaes* em terra?

E quem é que determinava o rumo a seguir se não havia piloto a bordo?

Decididamente o *Seculo* ou mentiu ou então (*diabo nos carregue outra vêz*) o *patrão Leotte* mais uma vez mostrou o que era.

E que havia de sêr?

O commandante da *Bengo* que ainda se deve recordar do *cartão de visita* que o seu collega Moreira Rato lhe entregou á porta do café *Gibraltar*.

D. Manuel II

Livro de Rocha Martins, em publicação

Os republicanos pensaram em approximar os dissidentes da conjura. Era necessario um intermediario.

Havia, porém, quem não hesitasse, com essa bella audacia, um tudo nada perigosa, que o caracterisava. Alberto Costa, o *Pad Zé*, encarregou-se de dar os primeiros passos.

O dissidente a quem se dirigiu foi aquelle que lhe parecia mais decidido. Alberto Costa encontrou-se com o Visconde da Ribeira Brava e devia ser uma scena curiosa essa entrevista entre o bohemio, capaz de todas as loucuras, e o homem que em muitas cousas devia reflectir.

Esse la fazer cincoenta e seis annos, no proximo Abril, apesar do seu ar forte, desempenado, de peito sahido, que o tornava parecido com a figura do homem da espada do celebre quadro de Franz Hals e cujo nome nunca se soube.

Fallaram. O visconde dizia-se sem popularidade para commandar uma revolução, faltavam-lhe os elementos do povo que os republicanos possuíam.

Alberto Costa pediu-lhe, então, para se encontrar com João Chagas. Era seis mezes antes da revolução rebentar. Estava-se em junho e no talhão da Avenida, vizinho do coreto, o fidalgo e o chefe republicano encontraram-se na realidade e combinaram a ligação do grupo avançado da Monarchia com os caudillos republicanos. No dia seguinte o *Comitê* ficava installado, após a reunião realizada em casa do visconde que fora um excellente traço d'união.

Foram convidados o advogado Alfonso Costa, cujo impeto arrojado na furia de combate o fizera expulsar do parlamento e cuja vaidade extrema Alberto Costa costumava chasquear; Alexandre Braga, o orador nolavel e o grande dissipador, companheiro dedicado de *Pad Zé* nas diversões de noctivagos; Egas Moniz, um grande medico que ia demonstrar na acção o seu facto politico; França Borges, director do *Mundo*, um combativo de tradições apoucaadas e cujo passado fora uma amalgama de lucta e de forçada bohemia, além do permitido; Mascarenhas Inglez, um official de nome apagado; Marinha de Campos, commissario naval, antigo franquista, homem intelligente, arrebatado, com um desequilibrio d'artista que o fazia julgar-se no seio d'uma conjura romantica á qual desejava dar retoques, e o conselheiro José Maria d'Alpoim, chefe dissidente.

Dentro em pouco estavam formados os *Comitês* civil e militar. No primeiro encontravam-se o dr. Bernardino Machado, que ninguém julgaria capaz de tão perigosas aventuras; dr. Antonio José d'Almeida, então em todo o impulso do seu romanticismo archaico; João Chagas, organização d'aristocrata vivendo da onda popular já retributiva; Alfonso Costa e Augusto José da Cunha, que fora professor do Rei, militar no partido progressista e se filiar, de surpresa, com os seus arminhos de par do Reino e com a sua tradição palaciana, no partido republicano.

No segundo *Comitê* estavam o almirante Candido dos Reis, velho republicano, apagado para o grande publico, mas empurrado para todas as conjuras; José de Freitas Ribeiro, 1.º tenente da armada, e o seu collega José Carlos de Maia, arrojado como marinheiro e republicano desde a escola; o coronel Xavier Barreto, o auctor da *polvora sem fumo*, de quem era impossivel desconfiar-se, visto as suas ligações palacianas e a amizade que o Rei lhe dispensava; Sá Cardoso, capitão de artilharia, e Alvaro Poppe, tenente de cavallaria, completamente desconhecidos na politica.

As reuniões começaram. Uma vez eram em casa do visconde, outras na residencia do chefe dissidente, outras ainda em escriptorios d'advogados, tornando a teia cerrada. Muitas vezes á porta da nova pastellaria da Avenida, tomando certezas por esse verão ardente, trocavam impressões.

Então aquella mescla de republicanos exaltados com a aciedade da victoria e de monarchicos despeitados ante o favor do Rei concedido a João Franco deliberou ir até ao fim.

Ao começo era a abdicção pura e simples do Monarcha que se desejava, o seu embarque n'um navio inglez que o levaria para longe á força, como se D. Carlos fosse capaz de se apavorar. Perguntava-se, então, quem se atreveria a pôr mão no Rei, a representar esse papel audacioso de o fazer assignar a sua abdicção, como a seu bisavô D. Pedro, no palacio de S. Christovam, do Rio de Janeiro, diante das tropas revoltadas, do clamor da rua, do gesto a um tempo corajoso e cheio de respeito do major Frias. Parecia-lhes arriscado e tormentoso o lance aos monarchicos conjurados, que sobejamente conheciam o Rei, e, com certa hesitação, pensavam no ataque a esse caçador exímio que a Europa sabia ser um dos primeiros atiradores do mundo e que causava pasmo em Paris, com as *nouches* esplendidas dos seus tiros de pistola, nas salas d'armas.

Aos republicanos convinha claramente a republica e diziam-no sem se importarem com os dissidentes, apagados, ao começo, á ideia da abdicção. Era muito curiosa aquella assembleia revolucionaria. Uns, os inimigos do regimen, tinham procurado o apoio moral e material dos monarchicos revoltados, a influencia em certos meios, o exemplo que arrastaria para a conjura gente d'outros partidos, o dinheiro para a compra d'armas e pagamento das despesas que uma revolta traz e o qual sahio dos seus cofres. Os outros contavam que, apeado João Franco, por uma revolução liberal, tendo D. Carlos abdicado, desertado, torcido o episodio dos dois granadeiros, elles, que representavam a corrente revolucionaria, seriam chamados, á semelhança do que succedera outr'ora a Passos Manuel, e já havia quem se julgasse n'uma sala das Necessidades dictando as suas vontades radicais a um Principe novo, inexperiente, posto no throno por uma revolta, guiado no ambito da sua politica, dominante emfim.

Sorrindo nos seus conciliabulos mais secretos, os republicanos comprehendiam-nos e deliberavam arrastal-os até ao fim. João Chagas, que mais tarde devia obstar á entrada de republicanos n'um governo, sentia effervescente a vontade da victoria dos dissidentes e comprehendia-lhes as ambições contrariadas que os levavam a uma singular aliança em que se jogava com a corôa. Queria obrigal-os a transigrir com a republica.

Deliberou-se, pois, que se fosse até ao fim. O conselheiro Alpoim declarou preferir fosse o que fosse a aquelle estado de dictadura. Os republicanos rejubilavam. Era, no fim de tudo, a sua victoria.

Fallava-se nas reuniões politicas, com a maior facilidade, n'uma larga franqueza, em vencer D. Carlos; era elle quem se culpava e rajadas oratorias se ouviam em que o odio pessoal estalava fundamentalmente.

Esqueciam-se os agravos do passado, perdoavam ao chefe dissidente ter declarado outr'ora que os republicanos não deviam entrar no parlamento e as suas perseguições, quando ministro da justiça, aos jornaes revolucionarios.

Trausigia-se. Com a sua elegancia a jorros, o conselheiro Alpoim dizia o seu amor pela liberdade e concordava que se fosse até ao fim; mesmo á republica.

Não havia mais impedimentos. Tratava-se de vencer D. Carlos e o seu ministro.

Ao mesmo tempo trabalhava-se activamente na Carbonaria, que se ia desenvolvendo; na maçonaria os planos traçavam-se com mais largos fins, as ligações estabeleciam-se e já velhos elementos com que se contara sempre, desde 1891, appareciam, com outros novos, para o combate contra o Rei.

Desapparecendo D. Carlos da scena politica tudo se conseguiria. Elle era o obstaculo. Ligara-se para sempre a João Franco.

Eram cada vez mais curiosas essas reuniões onde gente de tão diversas cathedras vibrava no mesmo odio, se unia no mesmo pensamento.

Alfonso Costa, um engeitado, ambicioso, bem da rua, especie de Costa Cabral serrenho, ardiloso e sem preocupações de meios; fazia-se comprehender pelo fidalgo cujo avô morrera degollado para não denunciar o seu Rei; João Chagas, vindo das tribus nativas do Brazil, estava no mesmo proposito que o nobre descendente do *hidalgo* castelhano vindo para as honrarias no paiz onde o antepassado de Alpoim pelo Rei portuguez morrera.

Misturava-se tudo na mesma ansia de acabar com a dictadura, a qual só fundaria com o Rei.

Os precios de acção do Soberano, da sua valentia, do seu prestigio renovavam-se e a não ser o *Pad Zé*, sempre exaltado, que queria ir a Cascaes, com um grupo, atacar a cidadella, os outros achavam que o movimento devia rebentar desde que D. Carlos estivesse distante.

Ao fallar-se d'actos violentos havia quem tremesse por uma republica fundada sobre elles. Era decididamente para isso que já se caminhava sem discordancias.

Agora não havia que hesitar. A sorte estava lançada. Jogava-se a Monarchia com o dictador. Os conjurados monarchicos não fizeram mais questão de principios. Chega va-se a ideia provavel da queda do regimen, ao facto possivel da anniquilação do Rei. Desabafava-se violentamente.

Comegara-se como quem bábuca um desejo, iniciara-se a marcha com um passo tacitante e logo se tornara n'uma paixão violenta e se seguira n'uma corrida vertiginosa.

Uma atmosfera de terror pairava, vivia nos espiritos; faziam falta a noite os pregões dos vendedores dos jornaes supprimidos; passava-se alguma coisa de extranho nas almas, n'essa cidade para a qual um politico conservador prophetaava o sangue d'um crime ou a hecatombe d'uma revolução.

Bellos autonoveis particulares, trazendo aos volantes conhecidos *sportmen* ou guiados por *chauffeurs* de boas casas, conduziam armamento para a conjura e não era raro vêr, de chauceto na boca, bem entusiasmados, sorridentes, como quem volta d'um passeio, elegantes dirigindo os carros onde as pistolas e as cargas se encontravam.

Os bairros populares estavam minados, o exercito e a armada tambem. Fabricavam-se bombas em diversas partes de Lisboa; n'um sítio escuso d'Alcantara, n'uma quinta dos Oliveas, em plena Baixa, o dinheiro para armas não faltava — dava-o o directorio republicano; o commerciante mulato João Baptista Macedo, lisongeado pelo contacto dos politicos; os dissidentes, que não se pouparam; todos os interessados no fim da dictadura, a gente mais inquieta d'outros partidos que já farejava o fim.

Os conspiradores, reunidos n'uma casa junto ao Desterro, iam tecendo sempre a sua teia.

Tinha-se alugado um quarto cujas janellas deitavam para a parada do Cabeço de Boia e d'ellas se pensava em chacinar os municipaes. Marinha de Campos trabalhava bem os elementos d'aquella area; imaginara-se tambem não deixar que as guardas do Carmo pudessem actuar e para isso far-se-hia uma barriada na egreja do Sacramento e installar-se-hiam em certa casa da calçada do Carmo.

Não se parava; vivia-se n'uma febre a contagiar tudo. Os armazens da Liquidadora, na rua de Santo António, pertencentes aos irmãos Leal, eram o arsenal dos conspiradores, e grandes caixas d'embarque, com letras negras nas lampas, pareciam affirmar um destino. Correram-se todas as casas de penhores, oblitera-se armas de todas as procedencias, a pretexto d'uma encomenda; e assim se tinham preparado. As munições compravam-se nos armeiros, passavam-se nos automoveis as portas.

Como as bombas de modelo estrangeiro não os satisfiziam surgiu desde logo o fabricante nacional e os seus auxiliares. O advogado Alexandre Braga, Alberto Costa e o procurador Adriano Mendes de Vasconcellos iam buscar caixoles carregados a Alcantara e traziam-nos nos electricos; gente conhecida ia pelas fundições fazer encomendas de pinhas de ferro para varandas e a audacia chegava ao extremo de não se contar com a policia. Uma vez o procurador Vasconcellos deixou um guarda tomando conta d'um caixole, dizendo-lhe que eram pratas, isto emquanto ia buscar uma chave que lhe esquecera para entrar no escriptorio d'Alexandre Braga.

Havia meltidos na conjura medicos, commerciantes, advogados, gente de todas as classes, n'uma epidemia que galgara as barreiras até ao arrabalde; formaram-se grupos civis e á beira dos caes, desde Belem até Santos, por noites escuras, faziam-se iniciações. No Alfo do Pina e nas trazeiras do cemiterio tambem não afrouxavam e ali era o aspirante dos telegraphos Annibal Lameiras, um dos fundadores da Carbonaria dos correios, quem dava o santo e a senha da grande sociedade secreta. No Beco da Casca-lheira, em Alcantara, a dois passos das Necessidades, tambem uma noite foram surprehendidos homens de balandras que fugiram, deixando-os com as mascaras e os punhaes.

Nas tardes dos domingos, pelos retiros onde as malhas lilintavam nos taboleiros, na Hortá Navia, no Casalinho d'Ajuda nas trazeiras da Tapada, marujos eram iniciados e nós baixos da Trabuqueta, nas tabernas dos caes, nas banhas d'Alcantara e na Fonte Santa o commissario naval Machado Santos, com um actividade enorme, cheio d'energia e fé, ligava marinheiros e populares, dirigia os trabalhos, prodigalisava-se como um simples obreiro.

Ao mesmo tempo o 2.º tenente Bernardo d'Alpoim, filho do chefe dissidente, tentaria entrar n'algum dos outros vasos de guerra, emquanto Machado Santos e o capitão-tenente João Lucio Serêjo penetrariam no quartel d'armada com os civis. Os duzentos e oitenta homens que João Chagas alliciara entrariam nos quartéis e a guarda municipal seria destrocada a dynamite. Grupos civis bem armados tomariam o Terreiro do Paço, commandados pelo visconde da Ribeira Brava.

No elevador da Bibliotheca esperariam os dissidentes

SÓBE A ONDA!

Situação semanal do Banco de Portugal, referente á semana de 29 de Dezembro de 1915 a 6 de Janeiro de 1916, só agora publicada:

Circulação fiduciaria em 29-12-1915:	113.383 contos.
Idem em 5 de janeiro:	116.018 contos.
Augmento em 7 dias	2.635 contos.

Se o augmento tiver sido só equal nas oito semanas seguintes, temos na presente data uma circulação fiduciaria de 137.098 contos.
E' a bancarrota!

a chegada de Affonso Costa no seu automovel e correriam armados para a Camara Municipal, a proclamar a republica.

Ao fim da madrugada já tinha sido escripta a ordem para o conselheiro José Maria d'Alpoim. Dizia:

«O sr. José d'Alpoim, com os seus amigos irá postar-se no elevador da Bibliotheca, para d'alli, na companhia d'Affonso Costa e do povo, assaltarem a Camara Municipal e ahí proclamarem a Republica»—Pelo Comité revolucionario, Affonso Costa, Ribeira Brava.

*

Como se vê do trabalho transcripto, **Affonso Costa é ingellido; João Chagas descende das tribus nativas do Brazil; Bernardino Machado, como se sabe nasceu no Brazil; Ribeira Brava descende de D. Antonio Heredia a quem Philippe IV de Hespanha, III de Portugal pela usurpação, deu o governo da Madeira; José d'Alpoim, o chefe revolucionario dissidente é portuguez fidalgo, descendendo de fidalgos como D. Pedro d'Alpoim**

O que se deve aos disssidentes ahí fica.

Monarchicos pobres

O Sr. Dr. Martins Grillo, nosso amigo e annunciaute d'este jornal, dá consultas gratis aos correligionarios pobres, todos os dias uteis das 2 ás 3 horas.

Este jornal está auctorisado por s. ex.^a a identificar o correligionario.

Los nossos leitores

Como devem ter notado o numero passado saiu com a data errada, saiu **23** em vez de **25**.

Pedimos desculpa. Aquelle numero do jornal teve mau olhado do sr. Leão ou da formiga...

Um raio os partal

MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinarias e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS PURGAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3835

Residencia: Avenida Praia da Victoria, 42, r/c.

≡ Lá por fóra ≡

Echos da Guerra — Diversos

A captura do "Appam",

Vejam os antecedentes do admiravel raid do supposto *Moewe* que, como disse o capitão Harrison, parece um conto.

Iniciou a primeira das suas façanhas em 10 de janeiro, afundando n'essa data o vapor inglez *Farringford* (3.146 toneladas) carregado de cobre e apresando o barco carvoeiro da mesma nacionalidade *Corbridge* (3.687 ton.) do qual se abasteceu de combustivel. No dia 13 destruiu trez novos navios britannicos: o *Author*, com mercadorias embarcadas no Sul d'África: o carvoeiro *Dromomby* (3.627 ton.) e o *Trader* (3.608 ton.) que, transportando assucar, seguia de S. Vicente de Cabo Verde para Inglaterra. Dois dias depois, 15, succumbiu o vapor francez *Ariadne* (3.035 ton.), com um carregamento de trigo que, em viagem de Rosario a Nantes, teve de tocar em Las Palmas, de onde sahiu a 13. No dia 16 a umas 60 milhas ao norte da Madeira, foi capturado, — diz-se que occultando a artilharia, — o *Appam* (7.781 ton.) navegando de Dakar para Plymouth com 20 prisioneiros allemães e uma carga valiosa, e que se julgou perdido, porque n'esse dia encontrou um dos seus escaleres a leste da citada ilha portugueza o vapor *Tregantle*, cujo capitão o foi participar ás auctoridades inglezas ao arribar a Hull em 26 de janeiro: perda que parecia evidente, pois que tendo-se feito ao mar a 12 e visto apenas a 14 pelo *Obuasi* e a 15 pelo *Palma*, não houve mais noticias posteriores que as do suspeito achado de um dos seus salva-vidas. Juntos, vão navegando o *Moewe* e a sua preza o *Appam*, durante dois dias, até que o primeiro intimando o segundo a fazer rumo para a America, avançou para cortar a róta a um setimo navio inglez, o *Clan Mactavith* (7.385 ton.) procedente tambem de Dakar e que trazia da Nova Zelandia para a Gran-Bretanha um carregamento de lã e carne de conserva — apprehendida pelo corsario — e que foi objecto a 17 de janeiro de um violento ataque por offerecer obstinada resistencia, ficando os seus tripulantes prisioneiros de guerra a bordo do *Moewe*, exce-

pto os feridos que recolheu o *Appam*, e afundado depois de um curto, heroico, sangrento e esteril combate, por dois torpedos automoveis lançados do cruzador auxiliar teutonico.

Finalmente para completar a magnitude da tragedia, diz-se que o proprio *Appam* afundou outros dois barcos na sua odysseia de tres mil milhas até Norfolk, aparte o resultado da actividade que desde 18 de janeiro ia empregando o *Moewe*, — não muito dado a perder tempo — os quaes permanecem ignorados e serão provavelmente desconhecidos até ao dia da sua captura, caso que, em bôa logica, não é facil vel-a effectivada, revelando já a sua demora não só sorte, mas proficiencia, legitimo orgulho da nação allemã.

A travessia do *Appam* só por si constitue uma pagina de gloria. Aproveccionado de carvão de um dos barcos apprehendidos, levando de presa, 22 homens — com mais os prisioneiros allemães que o navio apresado conduzia — e depois de recolher a bordo os tripulantes e passageiros das seis naves afundadas, em numero de 451 — entre elles muitas creanças e mulheres — dispoz-se a cruzar o Atlantico com todas as precauções, arvorando o pavilhão inglez e recebendo despachos radiotelegraphicos, mas sem algum transmittir, para se não denunciar, sabendo por este processo da proximidade de cruzadores inimigos, de que se afastava mudando de rumo. Até o contingente de pessoas transportadas, dez vezes superior em numero á tripulação allemã, impunha severas precauções, sendo a primeira adoptada pelo capitão instalar nas partes principaes do navio, na presença dos passageiros de maior cathogoria, bombas explosivas, que ameaçou rebentar se observasse indicios de rebeldia, dividindo tambem a passagem em grupos poucos numerosos para que, debaixo de uma efficaz vigilancia, podessem alternar nos exercicios diarios de ar livre. N'essas condições tripulando um barco de moderado andar, escassos de viveres, sem a possibilidade de encontrar um barco amigo, alterando frequentemente o rumo; fugindo das linhas regulares de na-

vegação que teve de cortar; sem esperança dos auxilios organizados dos compatriotas, que de tanto serviram na realisação dos admiraveis *raids* do principio da campanha; expostos constantemente a ser presas de um inimigo vigilante, poderoso e talvez já inteirado, assim arribaram a Norfolk, içando o pavilhão de guerra allemão, enquanto salvam o limite das aguas jurisdiccionaes norte-americanas, os bravos marinheiros commandados pelo capitão Bery.

Com homens d'esta tempera pode um pais estar certo de que as armas que possui serão sempre uteis para traçar tanto na paz como na guerra, o futuro da Patria.

José Barbastro.

(Do A B C).

Não terminaram aqui as proesas do *Moewe*: A 23 do corrente, ás cinco da tarde, entra no porto de Santa Cruz de Tenariffe o barco inglez *Westburn*, que logo iça a flamula de guerra e a bandeira allemã. Grande pasmo da guarnição do cruzador inglez *Sutley*, ancorado no porto, e da população da cidade que em grande massa affluiti aos caes.

Do *Westburn* desembarcaram as tripulações dos seguintes barcos mettidos a pique pelo *Moewe*: *Edimburg*, dez homens; *Cambridge*, 12 homens; *Moorish*, 19; *Flamenco*, 32; *Horace*, 29, todos barcos inglezes, e 33 homens do belga *Luxemburg*.

O cruzador inglez sahe para o mar, para apanhar o *Westburn* á sahida, visto que só podia permanecer no porto, 24 horas.

No dia seguinte, ao espirar o praso de direito, o barco deixava o porto e ao sahir das aguas jurisdiccionaes arreou a bandeira allemã hasteando a ingleza, a tripulação affastou-se nos botes de bordo e o barco foi a pique com uma formidavel explosão!...

A tripulação que era allemã, voltou a Santa Cruz e apresentou-se ás auctoridades...

Junte-se a isto que varios cruzadores francezes e inglezes vinham em perseguição do *Westburn* que sabiam ter sido aprezado, e fica explicada a grande admiração da gente de mar e terra de Teneriffe pelo official e marinheiros allemães que conduziram o barco.

O *Moewe* segundo se diz havia fugido dos Açores, onde estava refugiado, ha um anno.

Onde está? Onde vae? Não se sabe! De vez em quando entra n'um porto neutro um um barco inimigo dos allemães, cheio de gente, tripulações de barcos mettidos a pique pelo *Moewe*, o navio phantasma...

Uma vez é proximo da Madeira — o *Ap-pam* — que toma o barco para que as tripulações sem barco vão descer em terra firme; outros é proximo das costas inglezas, como o *Westburn* que saia de Cardiff com carvão para Buenos Ayres...

Verdun?

Caiu já nas mãos dos allemães?

Parece que sim segundo se deprehe de dos telegrammas e informes da imprensa estrangeira.

Verdun era a primeira praça forte franceza e o caminho para Paris, por aquelle lado é relativamente facil visto ser uma immensa planicie.

E' o caminho seguido em 1870.

Findando

Um soldado allemão colhe n'um campo de batalha um soldado inglez que lhe diz

estar ferido n'uma perna. Lança-o sobre os hombros e assim o leva á ambulância; no caminho, porem, um estilhaço de granada leva a cabeça ao pobre inglez sem que o allemão dê pelo facto.

Chega á ambulancia e o medico reprehende-o por transportar um cadaver descabeçado. O soldado larga o fardo olha-o, olha o medico e diz indignado: — estes inglezes hão de ser sempre uns imbusteiros! Veja V. S.^a que me havia dito só estar ferido n'uma perna!

Renovação do Terror

A "Formiga,, reorganisa-se

Logo apóz as camaras haverem *legislado para a nação* o reconhecimento de um tal Alberto Correia — *como revolucionario civil*, começa a mobilizar-se a «formiga branca». Dir-se-ha que o governo, lavrando esse decreto, indigno dos annos parlamentares, n'este momento, teve apenas em mira prestigiar e impôr aos seus sequazes, este chefe da «mão-negra», pela muita confiança que lhe merece, na execução do seu mandato terrivel á frente de uma centuria de sicarios.

Afim de justificar o marroquino decreto, apparecem dois documentos na commissão parlamentar, ambos assignados por quem não tinha competencia, nem força moral para tanto. O sr. Antonio Maria da Silva não foi o commandante da Rotunda em 5 de outubro; e o sr. Freitas Ribeiro, depois das accusações tremendas que a 14 de agosto em pleno parlamento, fez ás tropas insurrectas do seu commando, parece que d'ellas naturalmente se desligou...

Arquivemos os dois documentos:

«Declaro que o cidadão Alberto Lopes Correia prestou os serviços a que se refere, trabalhando dedicadamente para a implantação da republica, evidenciando-se entre os seus companheiros em o organismo revolucionario a que pertencia. — Lisboa 5 de agosto de 1915. — (a) Antonio Maria da Silva.»

«Attesto que o cidadão Alberto Lopes Correia, chefe de um grupo civil prestou revelantes serviços á republica durante o movimento de 14 de maio, sendo dos primeiros que entraram no Quartel de Marinheiros em Alcantara, e por ser verdade confirmo e assigno. — Quartel de Marinheiros, 20 de julho de 1915. — (a) José de Freitas Ribeiro, capitão-tenente.»

A «formiga» vae reorganizar-se em novas bases, não satisfaz á segurança do regimen ou á gravidade da hora presente as disposições nem a tactica dos seus generalissimos Lindorphe ou Tavares de Carvalho. E' preciso que o governo a possa mobilizar mais á vontade e que os seus contingentes, augmentados, constituam como que um *exercito permanente*. Portanto ha que fazer a *confederação* de todos os bandos de arruaceiros e de todas as quadrilhas de assassinos, que são — os Grupos de Defeza da republica e as hostes da «formiga branca».

Nós perguntamos d'aqui ao governo, para quê?

Ainda se fôsse para formar a decantada divisão para ir combater para a Flandres ou para o Egypto... agora que ahi teem tantos barcos no Tejo á boa-vida, que a poderia transportar! Ha falta de braços e de pão, n'esta terrivel conjectura. Ainda se fôsse feita, essa mobilização de homens, com bom corpo para a lide, tambem devido á *lei das subsistencias*, a fim de irem por esses campos fóra senear o pão, cavar nas minas, abrir canaes, trabalhar á bigorna, lavar charnecas, enfim produzir alimento e riqueza, vá lá. Mas para continuarem a

viver á custa do Estado? Mas para a perseguição infame de portuguezes honrados? Para a violencia atroz, para o crime impune, para o assassinato canalha, para a vingança torpe, para o terror, para o luto e para a morte?...

E para novo impulso á desordem, para novo incremento á anarchia negra, unico sustentaculo no poder do «rábula forense» Affonso Costa e ephemero balão de oxygenio na agonia da republica, que teem os seus dias contados?...

Seja. Surja nova Communa implacavel e sangrenta. A nós não nos amedrontam: jámais nos fizeram voltar o rosto. Continuaremos caminhando como até aqui, impávidos e serenos, por entré as feras soltas, ululando raivas, empunhando na dextra o nosso chicote em braza. Ha que recommear o flagello do Terror com nova furia ultrasatanica? Pois bem! Que o sangue que correr marque bem indelevel a frente dos assassinos...

Dos nossos correspondentes

PORTO, 24 Fevereiro. — Tem sido assumpto de todas as conversas a utilização dos navios allemães que estão refugiados nos portos portuguezes, dizendo nos centros de cavaco que não se sabe em que «alhada» se vae metter o governo.

Não ha duvida... Affonso Costa super omnia... para fazer asneiras...

Tomaram hoje conta do vapor «Vesta». — A chegada dos expedicionarios realiso-se ante-hontem. O quartel d'infanteria 18 esteve engalanado e illuminado a verde e vermelho. Muita gente se juntou em frente do quartel para abraçar os seus parentes.

Os soldados vinham (oh! ceus) fóra de forma! Em que epocha da Monarchia se se viu isto?

Na vida de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, o nosso exercito era bem disciplinado e se Elle fosse hoje o Chefe Supremo da Nação o nosso exercito estaria admiravel.

— Vae realizar-se, hoje, a estreia da novella lyrica «D. Mecia», no theatro Principe Real. Ha já muitos bilhetes passados.

— Organizou-se uma empreza de capitalistas para a exploração do Palacio de Crystal. D'ella fazem parte os conhecidos sportmen Cesar Ramos e Romualdo Torres.

— Tomou ante-hontem posse do cargo de inspector interino da policia judiciaria o sr. dr. Augusto Carneiro Lopes. Será mais algum afilhado?...

— Parece agravar-se o conflicto academico. Adheriram algumas escolas universitarias d'esta cidade, tendo-se já, os alumnos, declarado em greve abandonando as aulas.

A. P.

VILLA DO CONDE, 25. — Ao iniciar as minhas correspondencias d'esta nobre e fidalga villa para o novo jornal «A Monarchia», é dever meu, como monarchico e sincero admirador dos que trabalham para o engrandecimento da Causa, saudar o seu vigoroso director, Astrigildo Chaves, que é, sem duvida, uma das glorias do jornalismo patrio, e felicitar o seu corpo redactorial.

— No proximo domingo, 27 do corrente, pelas 3 1/2 horas da tarde, chega a esta encantadora praia, o Orpheon Academico de Coimbra, do qual é director o nosso presadissimo amigo dr. Elias de Aguiar, illustre filho d'esta terra.

Pelas 8 horas da noite no elegante theatro Affonso Sanches, terá lugar o grande Sarau de Arte, para o qual já se acha passada a casa.

—Realiza-se brevemente no sumptuoso templo da Igreja Matriz, d'esta villa, o enlace matrimonial do sr. João da Costa Torres, conceituado negociante, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Flores Castro, filha do nosso saudoso amigo e conferraneo José Maria de Castro, e irmã do nosso bom amigo e digno aspirante de fazenda, n'este concelho, Antonio Maria Flores Castro.

Telmo.

COIMBRA, 25.—Antes de entrar propriamente em materia, quero saudar a redacção d'«A Monarchia» na pessoa de Astrigildo Chaves, um jornalista — pamphletario de pulso e de nervo, uma penna que nos garante o seu jornal como um báluar-le da Causa Monarchica, que é agora a Causa Nacional.

E porque Astrigildo Chaves não é um individuo da massa paciente, parda e mole que toma chás, que valsa e que... grama tudo isto com um sorriso que, á força de querer ser significativo, é imbecil; como o director d'«A Monarchia» não é um individuo, mas sim uma individualidade entre as victimas da Liberdade e da Fraternidade, uma individualidade justamente admirada e estimada entre os que pela nossa Causa tem soffrido prisões e exilios, entre os que luctaram e se bateram, que são os que podem ainda luctar e bater-se pela mesma Causa, por isso eu cumprimento e saúdo Astrigildo Chaves, um d'aquelles com quem se pode contar.

Agora, mais do que nunca precisamos de homens, e o Director d'«A Monarchia» é um homem.

Por isso eu, e commigo todos os que pela Causa Monarchica tem feito algo mais do que frequentar *five-o'clock teas* e baillaricos, esperamos d'elle e do seu jornal um grande esforço util para a nossa Causa.

Oxalá que esta «Monarchia» seja a percursora da Monarchia que desejamos e precisamos. Oxalá que Astrigildo Chaves e os seus collaboradores n'esta obra patriótica e alevantada venham dar o ultimo empurrão a isto...

Mas para isso era preciso que todos os *soi-disant* monarchicos o ajudem e auxiliem com vontade e mesmo com sacrificio.

E a respeito de boa-vontade e de sacrificio...

Bem, bem, isso fica para outro dia...

Paivante.

PENELLA, 25.—Iniciando hoje a correspondencia n'este jornal, nós humilde soldado d'esta nobre causa, á ex.^{ma} direcção queira aceitar os nossos cumprimentos ditados não para a sedicã norma jornalística, mas pela satisfação que se sente ao encontrarmos um companheiro da mesma crença.

Os nossos votos são que nenhum de nós desmoreça no decurso d'esta pugna ainda que com o nosso sangue tenhamos de firmar o pendão levantado no campo d'Ourique e simentado em Aljubarrota e tantas outras grandiosas façanhas escriptas com letras d'ouro nas paginas d'uma historia inequalavel como é a de Portugal.

Cedo virá o dia em que o nosso ideal tratado com desprezo seja elevado condignamente, e sem favor, ao capitólio, porque tentar amordaçal-o é criar factores contra-productentes.

Tambem nas arenas de Roma os governos despotas e corruptos sopunham abafar

e extinguir o christianismo nascente, atirando os seus neophitos ás feras, e na Lusitania innumeros generaes julgavam os seus energicos habitantes; pois por cada christão que cahia levantavam-se mil, por cada lusitano que morria erguiam-se dez, e as allivas aguias romanas foram batidas e derrotados um pequeno numero de homens amantes da liberdade e da sua patria. Isto são factos inegaveis que a tradição confirma, porque sem tradição nenhuma nação ou sociedade pode subsistir, e a historia mostra-nos que os factos se repetem e são tanto mais identicos quanto ella é escripta imparcialmente. Imparciaes procuraremos nós ser em tudo quanto escrevermos, e — *Avante pela verdade.*—Corresp

Lamego, 24. — No domingo passado, quando o sr. José de Menezes, director de «A Fraternidade», se dirigia de sua casa para a redacção do jornal foi insultado e espancado pelo administrador de «A Tribuna» conhecido pelo nome de José Missinhas.

A causa d'esta aggressão foi, segundo nos dizem, terem vindo na «Fraternidade» umas referencias pouco agradaveis para o deputado dr. Alfredo de Sousa director de «A Tribuna» e tio do referido Missinhas. Este querendo defendêr o tio, teve o descaramento de batêr n'um vêlho! E' ser garoto! Batêr n'um vêlho já falto de forças! Isto que nem o maior vadio faria, atreveu-se a fazê-lo o administrador de «A Tribuna». Para que os nossos leitores formulem o seu juizo, apêns dirêmos que «A Tribuna» é um jornal democratico.

Protestamos contra este acto de violencia e pedimos á auctoridade competente que, fazendo justiça, metta na enxovia tal garoto.

Assistimos, tambem no domingo, a uma sessão cinematographica no «Theatro Lamegoense», em que foi exhibida a atrahente e encantadora fita «O Jockey da morte». Agradou-nos deveras e crêmos que é uma das melhores fitas que tem vindo a Lamego.

Ao prezario sr. Custodio dos Santos Rocha, felicitamo lo por apresentar uma fita de tão grande sensação.

—Celebrou-se hoje na capella de N. S. dos Remedios uma missa cantada em acção de graças pelas melhoras do sr. João Cangalhas, abastado proprietario. Congratulamo-nos com as suas melhoras e fazemos votos para que d'ora avante gose de perfeita saude.

—Somos informados por pessôa que nos merece todo o credito, de que o *Anjinho da Guarda* em quem temos falado, attribue as nossas correspondencias ao nosso distincto correligionario e amigo sr. dr. Seabra Dias e dirige contra este nosso amigo as suas ameaças. Porém, temos a certeza, de que d'aqui não passará porque deve conhecêr muito bem quem é o dr. Seabra. Já não é esta a primeira vèz que o tem ameaçado. Chegou a sêr perseguido a tiro pela malandragem. Todavia, tem sahido sempre ill-so de todos os attentados e hoje, pas eia despreocupado por toda a cidade, sem que lhe seja dirigido o mais leve insulto.

O dr. Seabra monarchico dos de *antes quebrar que torcêr*, conseguiu impôr-se até aos proprios republicanos, muitos dos quaes lhe tributam o respeito que lhe é devido.

Só um individuo réles e baixo, pôde lembrar-se do seu nome para o menoscabar.

Ao dr. Seabra Dias, aqui rendemos as nossas homenagens.

Carácter nobre e elevado, tem sacrificado tudo em prol da Causa Monarchica e por isso é escolhido com todo o respeito pelos monarchicos lamecenses.

Que elle nos desculpe se com estas singelas palavras, vamos ferir a sua modestia.

Terminamos, repetindo que não é o dr. Seabra Dias o auctor d'estas correspondencias e avisamos os interessados de que se não cancem porque é provavel que nunca cheguem a sabêr quem é.

Ignotus.

P. S.—Aos nossos correspondentes pedimos o favor de mandarem as suas correspondencias por fórma a estarem aqui na vespera da sahida do jornal, de manhã.

QUERIS DINHEIRO MUITO DINHEIRO?!

IDE HABILITAR VOS A' FELIZ CASA

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Rua do Amparo, 49 - Lisboa

Sempre Sortes Grandes!...



O sr. Pestana, diputado pela Madeira deixou o partido democratico porque, o lembra que ha tempos havia posto ahi nos cafés de Lisboa, de que ou sahia elle ou o sr. Ribeiro Brava, teve que se applicar ao auctor... E vá lá que este deu provas de ter em alguma conta a sua palavra...

E sahuiu lançando esta amoravel despedida ao partido:

Mangedoira, onde um gado indistincto remoe pa-horrontamente; prado onde alguns zagaes assistem á engorda de tal rebanho para mais de perto o cuidarem e o levar em ao aço que, na cubiça carniceira dos caninos bem afiado, a politica continua a ser a grande porca, immortalizada, e pelos vistos immorredoira, n'este paiz de messianismo estreito, tolo e idiota...

Em vez de democracia, um imperialismo bisborria. Em vez de disciplina nos principios e de moralidade nos processos, a obediencia acarneirada aos «donos» d'isto e o passa cu pas a toda a perversidade e malandrice.

O' sôr Pestana! isso não se diz d'um partido que tem a honra de possuir o maior orador da raça!

Bem sabemos que o sr. Macieira por certo dirá o maior bebado da raça, mas isso não obsta!

O sr. Antonio Zê está já bom, muito obrigado!

Vae para o Alentejo concluir o restabelecimento, e á volta offerece aos monarchicos um lunch de aguaraz e balas.

Muito boa pessoa!...

Mac.

Boletim religioso

Horario da Missa Dominical

- 5 1/2 — S. Luiz, Corpo Santo.
- 6 1/2 — Santos-o-Velho.
- 7 — Corpo Santo, Loreto, Asylo das Cegas, Inglesinhos, Bom Sucesso, Martyres.
- 7 1/2 — Sé, Anjos, Soccorro, Lumiar.
- 8 — Corpo Santo, S. Luiz, Ordens Terceiras, Martyres, Estrella, Anjos, S. Domingos, Sacramento, Santos-o-Velho, S. Nicolau, Victoria, Dôres, Soccorro, S. Paulo, Conceição Nova.
- 8 1/2 — Coração de Jesus, Anjos, S. Thiago, Conceição da Carreira, Milagres, Arroyos, Santa Catharina, Santa Engracia, Asylo de Santo Antonio.
- 9 — Corpo Santo, S. Domingos, S. Sebastião, Estrella, Magdalena, Martyres, Monte, Saude, Santa Izabel, S. Pedro d'Alcantara, Desterro, Memoria, Penha de França, S. Thiago, S. Miguel, S. Estevam, Soccorro, Dôres, Santos, Carmo, Pena, Campo Grande, S. Christovam.
- 9 1/2 — S. Julião, S. Lourenço, S. José, S. Thiago, Anjos, S. Mamede, Colleginho, Conceição da Carreira, Gloria á Graça, Mercês, Caldas.
- 10 — Corpo Santo, S. Luiz, Inglesinhos, Bom Sucesso, Estrella, S. Sebastião, Santos-o-Velho, Sacramento, Martyres, Santa Catharina, S. Estevam, S. Thiago, Soccorro, Desterro, Campo Grande, Ameixoeira, S. Julião, S. Antonio Convalescença, S. Paulo.
- 10 1/2 — S. Nicolau, Santa Engracia, Lumiar.
- 11 — Loreto (com pr. e benção).
- 12 — Sé, Conceição-Velha.
- 12 1/2 — S. Nicolau.
- 1 — Loreto.

As conferencias patrioticas da série "Vasco da Gama,"
TEMPOS IDOS — REMEMBRANÇA
(Continuado do numero anterior)

Mas, como inicio d'essas brilhantes conferencias, convem de antemão recordar esses tempos idos. Mas recordar o que foi essa epocha memoravel da historia de Portugal, seria por certo descrever, embora a traços largos, em primeiro lugar, os annos que decorreram desde o fim do seculo XIV até ao descahir do seguinte em que, tendo El-Rei D. João I, auxiliado pelos seus valentes companheiros, consolidado a independencia portugueza nos campos de Aljubarrota, nos Atoleiros e em Trancoso, mostrando-se os portuguezes de então dignos herdeiros dos portuguezes de El-Rei D. Affonso Henriques, Vasco da Gama pôz termo ao grandioso sonho do Infante D. Henrique, fechando a chave de ouro esse periodo com o descobrimento do caminho marítimo para a India e, em segundo lugar, essa epopeia, heroica e sublime, que perante a Historia, fez a idade de ouro de D. Manuel I e um Rei *afortunado*, creou esse estado ou imperio lusitano-indico que pôz em admiração o mundo inteiro com os seus estendidos limites — as suas assignaladas victorias, os seus grossos commercios, as suas immensas riquezas, tornou Portugal

uma das nações mais poderosas da Europa, e fez Lisboa, — a *rainha do oceano* — o sumptuoso emporio d'esse rico imperio. Seria descrever tambem o desmoronar d'esse imperio, sob a acção destruidora da decadencia, da corrupção e do abandono, e sob a triplice guerra dos hollandezes, dos inglezes e dos orientaes revoltados e arrependidos do assombro que por mais de um seculo os trouxera humilhados e vencidos.

Fal-o-hei, portanto, mas a brevissimos traços, em nome do Conselho Regional de Lisboa da Liga Naval Portugueza.

Os annos que decorreram desde que Portugal, salvo dos tristes lances em que o ia precipitando a fraqueza de um Rei e a ambição de uma Rainha — D. Fernando e D. Leonor Telles — accordou rejuvenescido e vigoroso nos fortes braços do Mestre d'Aviz até que, perante as caravelas do descobridor do caminho por mar para o Oriente, se desfez a lenda do Preste Joham, foram para o mundo inteiro como que um novo periodo no cyclo incommensuravel da existencia da humanidade a que Portugal não ficou estranho. Percorria o mundo um sopro de vida. Estremecia a sociedade até ao mais intimo das suas fibras. Havia, por assim dizer, um renascimento para a vida. Era o acabar da idade-media, e o reviver das sciencias, das artes e das lettras.

(Continúa).

Jayme Forjaz de Serpa Pimentel.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa dos clientes